

Escrita de si e as mulheres: um espelho da HistóriaSuelly MAUX¹**Resumo**

Na contemporaneidade, jornais e revistas possuem espaços reservados para as diversas manifestações do leitor. “Cartas”, “Seção do leitor”, “Cá entre nós”, “O leitor”, dentre outras rubricas, são espaços onde se estabelecem relações entre veículos de informação e leitor que opina, sugere, lamenta, reclama. A seção de Cartas enquanto espaço assegurado ao leitor para expressar suas opiniões adquiriu novos paradigmas, ainda que sem referencial teórico reconhecido pelas teorias jornalísticas, no decorrer da história do jornalismo, adequando-se às transformações sociotecnológicas e de comportamento da sociedade. Como exemplo citamos as Cartas que narram histórias de vida, enviados por leitores e leitoras, para algumas revistas de comportamento, que despontam como *corpus* nos estudos do jornalismo brasileiro.

Palavras-chave: Jornalismo de revista. Cartas. Escrita de si. Imprensa feminina.

*“Ao invés de tomar a palavra,
gostaria de ser envolvido por ela e bem além de todo começo possível.”*
(Michel Foucault)

Introdução

Escrita de si, histórias de vida, escrita autobiográfica, escrita autorreferencial e narrativas de vida são expressões que representam um gênero de escritura onde o autor fala de si. Neste texto vamos utilizar as expressões histórias de vida e escritas de si em consonância com os autores pesquisados e com a nossa propositura que é enfocar o uso da escrita de si nas revistas femininas de comportamento ou estilo.

¹ Professora Doutora do Curso de Comunicação Social da UFPB. E-mail: maux62@ymail.com

Segundo Gomes (2004, p.7), história de vida é um gênero e pode ser pesquisada através de “diários, correspondências, biografias e autobiografias.” Essa escrita não exclui gênero nem idade. Indivíduos – homens e mulheres - sempre fizeram uso de seus recursos, concernentes à época, para falarem de si.

Perrot (1989) questiona e responde acerca da prática autobiográfica por parte das mulheres, quando faz um contraponto em relação à narrativa histórica tradicional que reserva pouco espaço às mulheres (a fala da autora é sobre e a partir do século XIX), pois os escriturários oficiais da História eram os administradores, os policiais, os juízes, os padres e os contadores da ordem pública. Eis a fala de Perrot (1989, p. 11-12):

Os arquivos privados, outro sócio da história, fornecem outras informações? Sim, certamente, na medida em que as mulheres neles se exprimiam de forma bem mais abundante, e, até mesmo, foram as produtoras desses arquivos, nos casos em que se fizeram as vezes de secretárias da família. *Livres de raison* [livros de razão] [...] nos quais elas preservam os anais do lar, correspondências familiares cujos escribas habituais são elas, diários íntimos cujo emprego é recomendado às jovens solteiras pelos confesores e, mais tarde, pelos pedagogos, como uma forma de controle sobre si, constituem um refúgio de escritos de mulheres, domínio cuja imensidão tudo atesta. (grifo da autora).

Em relação às escrituras por parte do gênero feminino, Perrot (1989, p.9) afirma que “a narrativa histórica tradicional reserva-lhe pouco espaço, justamente na medida em que privilegia a cena pública [...]” Sendo assim, supomos que as mulheres têm um espaço mais considerável nas narrativas não-tradicionais, como as citadas por Gomes (2004).

Souza-Lobo (1989, p.29) esclarece que:

A reabilitação das biografias como gênero histórico e a difusão das histórias de vida nas ciências sociais, além de tornar leitores e leitoras cúmplices mais ou menos voluntários do ‘voyeurismo’, atualizam uma discussão teórico-metodológica sobre a recuperação do indivíduo como sujeito da história e da experiência na configuração das relações sociais.

Essa recuperação do indivíduo é percebida através dos estudos publicados sobre a escrita de si e através de seus documentos, gênero que vem formando *corpus* junto às

academias, grupos de pesquisa e no mercado editorial, através de publicações de textos brasileiros e da tradução de textos estrangeiros. No âmbito da academia, a fim de corroborar nossa afirmação, realizou-se em Porto Alegre-RS o I CIPA – Encontro Internacional sobre Pesquisa Autobiográfica, entre os dias 8 e 11 de setembro de 2004.

Breve histórico

Na contemporaneidade o mercado editorial descobriu o filão das narrativas epistolares, e as publicações sobre Cartas são as mais variadas. Há as trocadas entre amantes – *Correspondência de Abelardo e Heloisa* – (de Paul Zumthor, editada pela Martins Fontes) e – *Cartas de Amor* - (cartas de Albert Einstein e Mileva Maric/de Jurgen Renn, editada pela Papyrus). Há as Cartas trocadas entre amigas, a exemplo do *O feminino e o sagrado* (Julia Kristeva e Catherine Clément), da editora Rocco. A autora Natalie Zemos Davies publicou o livro *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*, pela editora Companhia das Letras, que mostra como as pessoas do século XVI contavam histórias onde o inesperado construía um sentido.

A tradição epistolográfica advém da Antiguidade Clássica, através de Epicuro filósofo grego (341 a.C – 270 a.C), Isócrates, retórico, pedagogo e político teórico grego (436 a.C – 338 a.C) e Platão, filósofo grego, (427 ou 428 a.C – 346 a.C). Entretanto, foi no Renascimento que o ato de escrever Cartas teve um grande impulso, pois através do advento da imprensa, as pessoas letradas puderam conhecer e sofisticar alguns modelos estilísticos atribuídos à escritura de Cartas, através de manuais. A essa expansão Miranda (2000, p.44) justifica que esse gênero era veículo de um projeto humanista, através de um princípio: “[...] assegurar o convívio social através de comportamentos que todos pudessem aceitar e decodificar. Rapidamente... espalhou-se às mais diversas atividades do cotidiano.” Cartas tornavam-se, pois, uma referência para os novos laços que se estabeleciam para além do núcleo familiar, um “gênero propício ao melindroso comércio de idéias, ou confidenciar experiências de encanto, beleza e amor.”

Conjunto de regras, estruturas de textos e a idéia de que escrever Cartas era uma arte surgiram com o advento dos manuais que asseguravam que alguns efeitos na escrita podiam

se diferenciar, dependendo de como se segurava a pluma, por exemplo. A arte de escrever Cartas começou a ser ensinada nas escolas, cujos primeiros manuais foram comprados pelos nobres e burgueses, os mais favorecidos com o conhecimento da escrita.

Entretanto o ato de saber ler não era um indicativo de uma classe social elevada, pois no século XV muitos nobres da Europa possuíam mais de 100 empregados, sendo que alguns desses eram treinados e educados para servir diretamente ao seu senhor na lida doméstica e pajear seus filhos. Portanto, usavam boas roupas, sabiam montar e caçar, dançar, ler e escrever, além de receber educação para saber se comportar diante de uma dama. Esses empregados chegavam aos seus patrões com mais ou menos oito anos de idade, a tempo de serem educados. Tornavam-se tesoureiros, camaristas, despenseiros, roupeiros, encarregados do abastecimento e/ou da lavanderia.

No século XV, assim como na Grécia antiga, a tarefa de gerenciar o lar era reservada às mulheres. Administrar um lar exigia bastante organização, devido à escassez de comida e de todo tipo de suprimento doméstico. A reconstituição do cotidiano do século referido tem no conteúdo de algumas Cartas informações valiosas sobre as relações sociais e familiares e os contextos socioeconômicos, políticos e culturais.

A leitura de algumas Cartas trocadas entre Margaret e John Paston (família inglesa) proporciona um esboço do cotidiano da época. Através de suas correspondências sabemos que a família consumia figos, tâmaras e algumas especiarias que sempre estavam em falta no lugar onde moravam, e que cada família dispunha ou devia dispor de uns dez serviços para executar as tarefas domésticas.

As mulheres que sabiam escrever não poupavam em descrever seus sentimentos. Margaret Paston é um exemplo, pois deixou, segundo Figueiredo (2004,) uma carta-testamento onde orientava que seu sepultamento respeitasse os preceitos Franco-maçons:

Ela ordena ali que uma inscrição coincidente com o moto dos Franco-maçons seja gravada em sua tumba, em respeito às prescrições maçônicas. Uma placa de mármore conterà escudos nos quatro cantos e, no meio da mesma, desejo ter um escudo só com as armas paternas, encimando esta inscrição: “Em Deus está a minha confiança.” (FIGUEIREDO,1981).

Cartas datadas no séc. XIV registram que a poetisa francesa Christine de Pisan casou, aos 15 anos, com um rapaz de 24. E que na noite de núpcias ele não a tocou, na intenção de que ela se acostumasse com a presença dele. Viúva depois de dez anos de casamento e com três filhos, ela tornou-se a primeira mulher a viver de seus escritos e publicou umas 30 obras. Christine escreveu livros de poemas, canções, a biografia do rei Carlos V, e títulos para mulheres como: *A cidade das mulheres*, que ficou conhecido como a primeira utopia renascentista pré-feminista e o *Livro das três virtudes*. Sua última obra foi uma homenagem a Joana D'Arc – *Ditado de Joana D'Arc* - na época apenas uma jovem pastora.

Cartas quase sempre trazem minúcias, isto é, pequenos elementos constitutivos de um todo que tanto encantam os leitores e estudiosos epistolares. Quando estava preso, entre os anos de 1777 e 1799, o marquês de Sade teve na escritura de Cartas sua única “possibilidade de comunicação com o mundo”, segundo Moraes (2000, p.55). Moraes explica que quando o marquês se correspondia com Renée Pélagie sempre solicitava objetos pessoais e guloseimas, sendo extremamente minucioso nas suas observações, conforme o trecho de uma Carta, que Moraes (p.27) nos expõe:

O biscoito de Savóia não corresponde e nada àquilo que pedi: 1º eu o queria completamente cristalizado, em cima e debaixo, com o mesmo açúcar empregado nos biscoitos pequenos; 2º eu queria que ele fosse recheado de chocolate, do qual não vejo o menor vestígio; eles o preparam com extrato de ervas, mas não há a menor suspeita de que tenham usado chocolate. [...] Na próxima remessa, portanto: um biscoito como o que acabe de descrever, seis comuns, seis cristalizados, e dois potes pequenos de manteiga da Bretanha, mas bons e bem escolhidos. Acho que há uma loja especializada nisso em Paris, como é aquela da Provença para o azeite.

No ano de 1786, a aristocrata alemã Sophie von la Roche escreveu à sua filha contando as novidades quando da visita a uma amiga em Londres, segundo HISTÓRIA... (1994?, p.125), e dissecou os detalhes da casa da amiga. Segue um pequeno trecho da Carta:

Menciono apenas os elegantes suportes para cestas de costura que acabam de chegar à casa de Lady Fielding: tem três pernas lisas e

arredondadas, feitas de mogno ou outra madeira qualquer pintada de modo atraente, colocadas uma junto da outra e pregadas. As lindas cestas de costura bordadas ou os elegantes vasos de flores colocados sobre elas a um canto da sala formam uma decoração encantadora; são práticos para levar de lá para cá quando se quer trabalhar e ocupam pouquíssimo espaço.

Ao ler Cartas e outros documentos que narram momentos do cotidiano das pessoas, somos reportados a um mundo sedutor, fascinante: o mundo do outro, o mundo de quem fala. Há nessa leitura uma envolvimento quase que fantasmagórica, no sentido de ilusório, imaginário. Lemos, no nosso contexto, um texto escrito por outra pessoa numa outra época, ou num contexto próximo ao nosso, mas que desconhecido e desprovido de auto-experiência. A leitura torna-se quase que uma viagem.

Fischer (2004, p.153) nos chama atenção para a história de vida que:

[...] vai além do enfoque pessoal da história. Ao focalizar o indivíduo é possível dimensioná-lo no contexto mais amplo. Para isso, é necessário evitar o sentido romântico [...] e insistir nas conexões entre os fatos relatados e a situação social, cultural e econômica que perpassa.

Em um manual intitulado *Educação de uma menina até a idade de tomar estado no reino de Portugal* (1754), Sanches apud Araújo (2001) nos proporciona uma visão histórico-social da mulher na sociedade do século XVIII. Visão que nos remete há séculos anteriores que, de modo incipiente, já exemplificamos. Para Sanches (p.50):

Seria necessário que uma menina ao mesmo tempo em que aprendesse o risco, a fiar, a coser e a talhar, **que aprendesse a escrever, mas escrever para escrever uma carta**, para assentar em um livro que faz tais e tais provisões para viver seis meses na sua casa: para assentar o tempo de serviço dos criados e jornaleiros, e os salários; para escrever nele o preço de todos os comestíveis, de toda a sorte de pano de linho, de panos, de seda, de estamenhas, de móveis da casa; os lugares adonde se fabricam ou adonde se vendem mais barato [...] Seria útil e necessário que soubesse tanto de aritmética que soubesse calcular quanto trigo, azeite, vinho, carnes salgadas, doces que serão necessários a uma família; escrever no seu livro os vários modos de fazer doces e a despesa, e prever o proveito ou a perda que pode destas provisões tirar uma casa [...] Não lhe ficaria muito tempo para enfeitar-se vamente, e muito menos para se pôr a uma janela ou a uma varanda, ler novelas e comédias e passar o tempo enleada na ternura dos amantes. (grifo nosso).

Ao ler o que Sanches recomenda nos questionamos: escrever Cartas? Mas escrever o quê? Para quem? Que contar? Escrever Cartas, por muito tempo, foi o meio mais apropriado, quiçá o mais fácil e acessível às mulheres, para contar à amiga, à mãe, a um parente, a receita de doce, a aquisição de um novo serviçal, a feitura de um novo vestido, o endereço de uma nova loja, etc. Sim, algumas mulheres escreviam bastante sobre isso, todavia, sobre seus anseios, seus desconfortos, suas inseguranças com o corpo, com a vida, sobre o pretendente escolhido para ela, sobre a leitura de um novo livro, sobre as novas amizades feitas na escola, sobre os desgostos com algum parente, sobre as alegrias de novas descobertas, etc., seus escritos eram mais reservados.

Para nós, o primordial é que Cartas, com essas características, independem de seu tempo histórico, relatam o enredo de um tempo, de uma vida, de um sentimento, de uma dor, de uma alegria, de uma paixão, ao mesmo tempo em que tecem o conjunto de traços inerentes a cada indivíduo de um modo que nos faz perceber quanto está interligada cada dimensão humana.

Carta como gênero jornalístico

No jornalismo, Carta faz parte do gênero opinativo. É um recurso utilizado pelo leitor para expressar sua opinião, e está presente tanto em jornais quanto em revistas.

Questionamento interessante faz Melo (2003) ao indagar por quais motivos o leitor envia uma carta ao jornal de sua preferência, e responde através das falas de Alcides Lemos e Joel Silveira. Para o primeiro jornalista o leitor envia sua Carta aos jornais para reclamar do poder público. O segundo jornalista enumera quatro perfis de leitores que seriam as autoridades, os leitores que vivem à cata de erros do jornal, ou seja, os perfeccionistas, os lesados que denunciam instituições e os anônimos que não são levados a sério. As idéias de Alcides Lemos e Joel Silveira foram publicadas em livros no ano de 1975, portanto creditamos tais perfis ao contexto histórico da época.

Hoje, as Cartas escritas pelos leitores, em particular para as revistas, não se caracterizam apenas nesses perfis, e cremos que nem as enviadas aos jornais impressos. O que escreveu os jornalistas acima foi um diagnóstico do leitor da época, dos jornais da

época, da relação editorial e política entre os leitores e veículos dos anos de 1975, que no Brasil e na América Latina viviam sob as agruras do regime militar.

As relações que se estabeleceram entre mídia impressa e leitor tomaram outras configurações em seu percurso histórico. Atualmente, através do acesso conquistado e do espaço proporcionado pelos veículos aos seus leitores, o ato de escrever uma Carta direcionada a um meio específico não se configura mais como um “lamento”, no sentido de se queixar aos órgãos governamentais.

O leitor de hoje opina, sugere, pauta a mídia, num movimento de linguagens que os mediatizam. As Cartas que os leitores escrevem passam, sim, por um crivo, uma escolha por parte do veículo, senão cada veículo circularia com um caderno extra só com as Cartas enviadas.

Gay (1999) esclarece que as Cartas são antiquíssimas e têm características diferentes das contemporâneas. Há Cartas como documentos oficiais e as que se modelam como comunicações pessoais. No âmbito das comunicações pessoais fazemos uma outra distinção: as Cartas que os leitores escrevem para as revistas, com comentários sobre matérias ou indicação de pautas, e as que os leitores narram um fato de sua vida.

São as Cartas, confessionais, pessoais e como comunicação pessoal que narram um fato, um caso, uma aventura, uma história num determinado período histórico da vida do leitor, escritas nas revistas femininas de estilo que objetivamos neste texto.

Foucault (2002, p.150) nos diz que escrever uma Carta é:

[...] “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira do remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face.

Na bibliografia pesquisada da Teoria do Jornalismo não encontramos referências a essa tipologia de Cartas, portanto, propomos inseri-las no universo dos gêneros jornalísticos

opinativos, como Cartas de histórias de vida, um sub-gênero das Cartas do leitor. Frente às dificuldades encontradas, consideramos a tese de que as Cartas confessionais, caracterizadas como narrativas e escritura de si, publicadas em revistas, podem ser estudadas como um outro tipo de Carta, diferenciada da do leitor. Com isso não estamos a afirmar que essa configuração de Cartas faça parte, apenas, do universo jornalístico. Mas por estarem inseridas na comunicação epistolar, e por todas as características aqui colocadas vislumbramos sua categorização no gênero opinativo do jornalismo.

Algumas revistas femininas circulam com Cartas que possuem essa característica. A exemplo temos duas revistas de estilo, de circulação nacional, que publicam mensalmente Cartas que narram histórias de vida: *Nova* da editora Abril, intitulada “Depoimentos”, e *Marie Claire* da editora Globo, com a seção “Eu, leitora”.

Carta é um documento probatório, e as confissões traspassadas inspiram reflexão, despertam curiosidades e refletem um contexto social. Gay (1999) afirma que Cartas confessionais, entre os séculos XVIII e XIX, já eram comercializadas.

Esclarece Gay (1999, p.342):

Nessa época eram bem recebidos, e comprados volumes de cartas bem encadernados; por outro lado, como já vimos, as biografias continham textos extensos de cartas, embora muitas vezes censurados. Os editores tinham expectativa de lucros com a publicação de coletâneas de cartas de amor, documentos loquazes de dois séculos de hábitos culturais, ou das cartas mais interessantes escritas por pessoas famosas.

Violar uma Carta é crime, pois desrespeita, profana a individualidade, invade o espaço privado do outro, pois elas sempre foram espaços constituídos como sinônimo de privacidade, que nem sempre era respeitada. A violação das Cartas, escrita que tinha se tornado uma ocupação importante, e que demandava tempo, entre os alfabetizados europeus (século XIX), tinha na instituição família seu maior núcleo de espionagem.

Uma das manobras encontradas para burlar a espionagem familiar foi, conforme Gay (1999, p.349), fazer na vida real o que os romances sugeriam nessas situações:

[...] os amantes se serviam de confidentes discretos, alugavam uma caixa postal, aprendiam taquigrafia para preservar dos intrusos seu intercâmbio amoroso; introduziam bilhetes com mensagens íntimas em cartas inócuas, que podiam ser exibidas aos familiares.

Esses conselhos descritos acima não estão longe da História que presenciamos e vivemos na nossa juventude. Que dizer das Cartas escritas em letras garrafais: NÃO LEIA!, dos diários comercializados com cadeados e chaves, das confidências feitas nos cadernos, entre um tópico de uma matéria e outra, das Cartas inseridas em folhas de cadernos, de livros, em pastas de trabalhos escolares, para que sua leitura não fosse feita por uma irmã, um irmão, pela mãe, enfim, pela família!

Considerações finais

Convivem, historicamente, os diários com seus cadeados e chaves e os diários virtuais, as Cartas confidenciais que ficam no domínio do privado e as Cartas de foro íntimo enviadas e publicadas nas revistas femininas.

No Brasil, o direito ao sigilo de correspondência é assegurado na Constituição, conforme BRASIL (2004), Art. 5º, Inciso XII que rege:

É inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal.

A revelação de si, através do contrato de publicabilidade, já permeava as correspondências enviadas aos jornais, revistas e almanaques europeus e norte-americanos durante o século XIX. As missivas enviadas tratavam de assuntos que seus remetentes não ousavam falar pessoalmente, de solicitação de desculpas, etc. Um detalhe de suma importância é que as Cartas eram direcionadas, como a maioria da época, a um ou mais remetentes.

Vejamos o que nos narra Gay (1999, p. 352):

The Ladie's and Gentlemans's Model Letter-Writer, publicado em Londres em 1871, continha, além dos temas óbvios, uma carta solicitando 'admissão de uma criança enferma a um hospital', assim como o bilhete de 'um costureiro, dirigido a uma cliente, desculpando-se por não poder comparecer na hora marcada'. *The Universal Letter-*

Writer; or, Complete Art of Polite Correspondence, um manual mais antigo, publicado em 1854 na Filadélfia, ia ainda mais longe, com uma carta ‘de uma filha ao seu pai, queixando-se respeitosamente de um matrimônio que lhe foi posto, com um cavalheiro muito mais velho’, e uma outra ‘da viúva de um comerciante a uma senhora, sua parente distante, em favor de seus dois órfãos’.

Fazer-se presente, autodefinir-se, mostrar-se está no âmago do espírito da Carta. “Escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”, como bem coloca Foucault (2002, p.150). Gay (1999, p.357) corrobora ao afirmar que: “[...] escrever cartas pode ser um exercício de autodefinição.”

As características acima citadas, presentes nas Cartas, nem sempre estiveram no espírito desse tipo de escritura. Elas são frutos da concepção moderna de que cada indivíduo pode escolher seus papéis sociais, bem como decidir sobre seu destino. Essa espetacularização do sujeito proporciona um olhar direcionado à História, ao cotidiano, autorizado pelo emissor e midiaticado pelos meios de comunicação, num jogo contínuo de inclusão e exclusão, de catarse, de secularização da tessitura entre o público e o privado. Assim sendo, a comunicação epistolar, em particular as que narram histórias de vida publicadas nas revistas femininas de estilo, é um campo profícuo de caminhos que despontam no intuito de historicizar o sujeito e suas dimensões.

Referências

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p.45-77.

BRASIL. Constituição (1988). Título II – Dos Direitos e Garantias Fundamentais. Capítulo I – Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>>. Acesso em: 30 dez. 2004.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238p.

FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. **Panorama atual da maçonaria no mundo**. Rio de Janeiro: Academia Maçônica de Letras, 1981. A mulher e a maçonaria. <<http://www.stb.org.br/lojafenix/palestra45.htm#6t>>. Acesso em: 23 jun. 2004.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais... In: ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto. (Org.). **A aventura (auto) biográfica**. Teoria & empiria. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p.143-161.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega/Passagens, 2002.

GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. 228p.

GOMES, Ângela de Castro. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 378p.

HISTÓRIA EM REVISTA. **O mundo doméstico**. Rio de Janeiro: Abril Livros, Time Life, [1994?].

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003. 150p.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo** – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 238p.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio et al. (Org.). **Refúgios do eu**. Educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. 240p.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella. (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.41-45.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1996. 553p.

MORAES, Eliane Robert. A cifra e o corpo: as cartas de prisão do marquês de Sade. In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella. (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.55-60.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9, nº18, p.09-18, ago.89/set.89.

_____. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998. 159p.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003. 112p.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. Emma Goldman – revolução e desencanto: do público ao privado. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9, nº18, p.29-41, ago.89/set.89.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. **Escrita autobiográfica e construção subjetiva.**

Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>>. Acesso em 24 ago. 2004.

VON KOSS, Monika. **Feminino + masculino.** Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000. 253p.